

To John Dr. Hamblin of Ta. Compt.

ANNO I

RIO DE JANEIRO

11



REVISTA

~~Presidente~~ DA SOCIEDADE

PHENIX LITTERARIA

PUBLICAÇÃO MENSAL

COMISSÃO DE REDAÇÃO

~~Rodolpho Paixão, Urbano Duarte, Dantas Barreto,
Licínio Cardoso e Pedro Ivo~~

JANEIRO DE 1878

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA DO IMPERIAL INSTITUTO ARTÍSTICO

Rua d'Ajuda n. 61, chacara da Floresta.

~~Carta de S. José n.º 110.~~

REVISTA
DA SOCIEDADE
PHENIX LITTERARIA



4171
52

SUMMARIO:—Apresentação.—A^o propósito da chamada poesia scien-
tifica, por U. D. O.—Recordações do Paraguay, por D.—Poesias:
Soneto, de K.; Vinte e tres annos, de Rodolpho Paixão; O Gaúcho,
por Favilla Nunes; o Plebeu e a fidalga, por Dantas Barreto; Na-
roça, por Favilla Nunes.

Apresentamos ao publico o 1^o numero da revista
mensal da sociedade—PHENIX LITTERARIA.

Jovens, cheios de crença e tendo por divisa o amor
ao trabalho, nos atiramos á luta grandiosa das idéias, afim
de que possamos concorrer com modesto contingente para
o engrandecimento de nossa patria.

Reconhecemos ser grande temeridade a publicação de
uma revista litteraria entre nós, onde o egoísmo de uns
e a indifferença de outros, asphyxiaram, ao soltar os pri-
meiros vagidos, qualquer criação tendente ao desenvol-
vimento d'este povo, cujo nível moral e intellectual parece
baixar quotidianamente.

Mas, não importa que ao desprender o primeiro vóo, se-
jamos arremessados ao chão: restar-nos-ha o consolo de,

não nos terem esmorecido, as contrariedades que sóem aparecer na senda que vamos trilhar.

Promettemos trabalhar e trabalhar muito para mensalmente apresentarmos ao publico a revista, e delle esperamos a indulgência necessaria áquelles que têm por unica recommendação a boa vontade, e por atavios a singeleza da linguagem.

Oxalá que as auras fagueiras da felicidade, bafejando-nos a fronte, tragam-nos o alento necessário ao prosseguimento de nosso fim e ao bom exito de nossos esforços.

A REDACÇÃO.

A' proposito da chamada -- poesia científica

I

Será talvez audácia virmos hoje, sem autoridade alguma votar um protesto contra um impavidio radicalismo que invadiu parte de nossa mocidade estudiosa, e que, coadjuvado pelas auras liberrimas da nossa indole, vai-se ingerindo affoutamente em questões que aliás jazem em terreno neutro, taes as que se referem ás bellas-artes, que pretendem derrubar de seus tradicionaes alicerces, construindo novo pedestal que pensamos jámais existirá.

Dizemos estar convencidos do erro radical em que laboram aquelles que, possuidos ou possessos de um soberbo methodo positivo que é a gloria científica do nosso seculo, arrogam-se tambem o direito de chamar á seu gremio as musas innuptas da arte e da poesia para aprenderem um novo methodo de canto, e dar-lhes um novo plectro destinado á arrancar da lyra notas mais firmes, mais accentuadas, mais graves, mais serias; e applicar-lhe um remedio

eficaz contra os loucos transviamentos da phantasia, proprios para engodar crianças.

Essa nova escola ha de propagar-se com espantosa rapidez em todas as cabeças refractarias ao bello, em todos os temperamentos impermeaveis á poesia; e é por esse motivo que vimos assumir um posto de combate, e allegar considerandos que moderem um pouco o furor dos que dão por definitivamente concluida a era dos trovadores. Essa incruenta polemica do gabinete nem por isso deixa de ter a gravidade que o seculo outorga á todas as especulacões do espirito, sob os auspicios desse altissimo criterium, filho legitimo da liberdade, o qual sellando de uma vez o exclusivismo e a vaidade, entrou em nosso tempo tendo na fronte o emblema do genio da humanidade, no coração a imagem do Christo, nas mãos o sceptro da razão e o dogma da caridade, na phisyonomia a benevolencia e a tolerancia e na retina dos olhos a impressão luminosa de alguma cousa que scintilla por entre as nevoas espessas do futuro.

II

Alinhavaremos um arrazoado á *vol-d'oiseau*, com bem receio de que nossa rethorica succumba obsessa n'um quadrado de erudicção cerrada, em que a pobre tenha de entregar-se com armas e bagagens, e em jejum.*

Mas, por fraca e impotente que seja, ella, a nossa rethorica, está convencida do que diz e não tem medo de fosquinhas; e como pôde ella parecer nebulosa aos que tem constantemente engatilhado o — porque — sobre a bocca daquelles que discorrem sobre qualquer assumpto, á eses aqui vai a resposta, á guiza de profissão de fé. O espirito do homem, resumo, synthese de toda a natureza animada, ultima e suprema de mão da força creadora, o espirito do homem, quer queiram quer não, é essencialmente metaphysico. Essa palavra tomamol-a sob sua genuina accepção, perfeitamente expurgada de escholastica; essa sublime e irresistivel curiosidade que, como diz o Jupiter de Weimar, está na sciencia e fóra della, antes, agora e depois. Para os

antigos não passava ella de uma vasta rede armada pelo raciocínio para penetrar a essencia das causas e como tal ficou systematisada n'um vasto corpo de doutrinas sem unidade, diffusas; obscuras e enleitadas n'uma casuística sem sabida. Hoje, porém, ella existe porque não pôde deixar de existir, porque é a consequencia dessa intuição fatal que nos persegue, genio do ignoto, sphinge phosphorescente e impalpável que arrasta-nos a intelligencia ao confin das causas. E basta de preludio.

III

D'onde vêm que ao contemplarmos as madonas de Raphael, o Moysés de M. Angelo, os relevos de Phidias no Partenon, ao escutarmos as melodias do cysne de Bolonha e dos rouxinóes de Zingarelli e Campinas, ao lermos Shakespeare, Hugo, Dias, Varella, d'onde vem que surge á nossa imaginacão um mundo magico á transbordar de emoções, estremecimentos, entusiasmo, illusões, crenças, perfumes, luzes, esperanças? Que incendeia a mente dos mais parcos, que derrama no coração uns choques inefaveis fazendo esquecer as chatezas da vida?

D'onde vêm que de elementos materiaes, esparsos, contingentes, tais como as cores, o som, a pedra bruta, a linguagem articulada, consegue o homem extrahir aquillo que é a summa de tudo que o entendimento humano pode attingir, o Bem e a Verdade manifestados pelo Bello, trindade — unidade, harmonia suprema, ideal dos ideaes, Deus...

A Arte, realisacão do Bello; O Bello—esplendor da verdade, segundo Platão; a Verdade, que não pôde deixar de ser o bem.

O poeta, o artista, em toda a força da palavra, microscópico inscidente, predestinado, sente e canta; é mariposa de uma Luz que nós não vemos, nós, burguezes sem ideal; Luz que banha a alma dos eleitos de seculo em seculo, e que para até cá chegar decompõe-se nesse prisma em milhares de variegados raios que vem animar a tela, o marmore, a voz, o papel.

A poesia é um sacerdocio, a sciencia é uma missão. *La science est perfectible, l'art, non. Confundir no vasto cadiinho do progresso scientifico de nosso seculo poetas e sabios, artistas e pensadores é uma hybridacão. O Tempo, o infallivel chimico nunca conseguirá realizar completamente tal fusão.*

IV

O Bello é o Bello; é uma formula empirica nascida da Imaginação e do Sentimento, duas entidades eternas e profundamente inherentes á natureza humana. Sua theoria está envolvida mysteriosamente nos refolhos d'alma.

A poesia baseada na sciencia é um sonho.

O genio de azas brancas que em noite estrellada susurra aos ouvidos do poeta as harmonias infinidas do vidente; a Poesia da tradição, ora cantando na tuba as epopeias das geracões grandes e fortes, ora tirando do alaúde as notas plangentes, lagrimas eternamente crystallisadas, ora dedilhando na lyra os hymnos á tudo o que ha de grande, de nobre e de bom, essa, consolo das misérias mundanas, doce repouso ás frontes amarguradas, refugio ás decepções philosophicas, oasis aos aridos trabalhos da sciencia, fluido mysterioso que reune o espirito das idades n'un hymno unisono ao Creador, essa é livre, é soberana, é independente. Filha dilecta da Imaginação e do Sentimento, ahi reside sua razão de ser, sua força intrinseca. Querem separar a mãe da filha, interpondo um arsenal de telescopios, microscopios, retortas, pedra, giz, flecha e fosseis ante-deluvianos. A nós parece-nos esse proceder mais absurdo do que as loucas phantasias dos poetas que vêm estrelas ao meio dia e mosquitos por cordas. E' o que procuraremos provar.

U. D. O.

(Continua.)

Recordações do Paraguay

POR D.

Com as tres grandes victorias alcançadas pelo exer-
cito brasileiro, de 42 a 18 de Agosto de 1869, o ditador
Solano Lopes abandonará a posição (Ascurras) onde havia
concentrado toda a força que ainda lhe restava dos des-
troços de Dezembro do mesmo anno. Então, mais retem-
perado no crime que nunca, comprehendendo que a sua
missão devastadora estava proxima do seu termo, quiz
desprender sobre o resto do seu desgraçado paiz os golpes
hediondos do ássassinio e da deshonra, afim de reduzil-o
completamente a um lugubre cemiterio e a um vasto lupa-
nar. Para isso enviou partidas, verdadeiros bando desen-
freados, para as mais reconditas cidades e villas, onde a sua
sanguinaria lança ainda não havia alcançado. Estas par-
tidas eram a expressão do seu implacavel odio, do seu van-
dalismo. Onde passavam, os seus vestígios eram assom-
brosos. As pegadas que deixavam eram de sangue dos seus
compatriotas. Montões de cadáveres de velhos e crianças,
que não os podiam seguir, aquelles porque o peso dos
anos embargava-lhes os passos e estes pela verdura da
idade, era o espectáculo que a cada passo se encontrava.
Moças, ainda ha pouco brutalmente deshonradas, isoladas
naquelle deserto que se ia fazendo, muitas já prestes a
desprender-se da vida, pela fome, porque tudo lhes haviam
roubado, ou pela dôr, ao contemplar o cadáver de um
pai, aquelle velhinho que com elles chorava as desgraças
de sua patria, ou de um irmãozinho com quem as vezes
brincavam desculdosamente; eram as flores da devassidão
atiradas áquelle sombrio palco.

O despotismo é assim; ou faz de um povo grandioso
que marchava, sempre com a gloria á sua vanguarda, um
povo bestial, um povo que se curva até tocar as plantas
dos despotas que os opprime e produz uma Roma antiga,

ou faz explosões enormes e com ellas surge um 89. Tem destas alternativas. Seus efeitos divergem segundo a indole e caracter de cada povo. Se é a Roma dos Cesares, aniquila-se, torna-se um tumulo descomunal, que só inspira sentimentos de odio e ao mesmo tempo de saudade; se é uma França dos XVIII e XIX séculos, ergue o homem até o nível dos seus direitos, atirando para longe o peso que a fazia baixar no termômetro dos progressos humanos.

O Paraguai ia, pela mesma causa, exalar o ultimo suspiro.

Entretanto o sentimento de humanidade, que nem sempre nos guiou, levou o commandante do exercito brasileiro a prestar todo o auxilio possivel á diversos povoados, onde o fero sanguinario das hordas desrespeitáveis não haviam passado ainda.

(Continua.)
(Continua.)

Soneto

Um dia te encontrei adormecida,
Deitada no teu leito bem singelo,
E o teu corpo despidio era mais bello,
Que o da biblica Suzana estremecida.

A luz... estava quasi amortecida;
Passei a minha mão por teu cabello...
Suavas... e minha mão que era de gelo,
Tornou se desde logo arrefecida.

Tu eras muito linda assim dormindo...
Tremendo de receio eu dei-te um beijo;
E tu, qu'inda dormias, mas sorrindo...

Agora, dize ja, não tenhas péjo,
Porque andas tu sempre me illudindo,
E não matas-me logo esse desejo?...

K.

Os meus vinte tres annos

OFFERECIDA AO MEU AMIGO RAPHAEL TOBIAS

Vinte e tres annos de um viver sem norte,
Nas paginas do tempo os olhos vêm !
E as brizas aô passar me dizem—morte !
E o crâneo no scismar me diz—além...
Além !... não pares na contenda infinda,
A senda do poryir é longe ainda.

Não pares ! que t'importam vis mopejos
Da turba que ao nascer o chão beijou ?...
Mizernimos ! cegaram-se aos lampejos
Da luz divina que nos céos brilhou.
— Não pares, caminheiro, é cedo ainda,
Na senda do poryir ha gloria infinda.

Ha glórias, eu bem sei, ha louros, palma,
Auréolas cujo brilho me seduz ;
Mas que valem loureiros quando n'alma
Sinto o gelo que ao tumulo conduz ?
E o crâneo no scismar repete ainda :
* Na senda do poryir ha gloria infinda !

Ha glórias... mas qu'importa ? si ha delirio,
Se o peito não resiste aos amargores ?!
Qu'importa um nome quando atroz martyrio
A vida nos converte em cruas dôres ?
E o crâneo ainda me diz—na luta infinda,
Avante, viajor, é cedo ainda.

E' cedo, mas eu sinto o desalento,
E o pobre corpo no soffrer baquêa !
E' cedo !... mas qu'importa si o tormento
As forças pouco a pouco me fraquêa ?!
E o crâneo não contente diz ainda :
— Não temas, viajor, a luta infinda !

Não temas! irrisão, fatal conselho !
Não temas! e a miseria estende a mão,
Saída o lidador cançado, velho,
De porta em porta mendigando o pão!
E o crâneo inda me diz—na luta infanda,
Avante, lidador, és moço ainda.

Moço! moço e não tenho uma só crença,
Não sinto n'alma uma illusão siquer;
Em vida amortalhou-me na descrença,
Mentido amor de perfida mulhér!
E o crâneo no scismar me diz ainda:
— Avante, viajor, na luta infanda!

Avante, maldição! propicia estrella,
Por entre as trevas, não me guia além;
Avante, sempre avante! e o peito gela,
De frios labios, o cruel desdem!
E o crâneo então me diz—a dôr infanda,
Supporta, viajor, na campa finda.

E' lugubre, meu Deus, a atroz lembrança
De mais a mais o desalento traz;
Deliro! já não tenho uma esperança,
Em lagrimas minha alma se desfaz!
E o crâneo já não diz avante, além!
E' tempo, no scisma, cançou tambem.

RODOLPHO PAIXÃO.

Gaúcho

(S A T Y R A)

Que dizes de quando em quando,
Que teu corsel se alentando,
Rasteja apenas, passando,
As folhas do matagal?

(F. VARELLA).

Eu sou gaúcho d'America!
Filho orgulhoso dos pampas
Devastei todas as rampas
Estribado na razão!

Reportando os infinitos,
Montado nos pensamentos,
Com a justica nos tentos
Não temi a escravidão !

Lá das florestas nos dedalos
Escanhachado no direito,
Tendo os arreios por leito
Escarneci da opulencia ! . . .
E lá nas coxilhas multiplas
Corri nas azas dos ventos
Campeando os pensamentos
Tendo na mála a consciencia !

Dos meridianos fiz rédeas
Lá nas aetheras bibócas !
Fiz da terra massarócas
E cabrestos do equador !
Fiz cama dos Himalayas,
Dos Andes fiz travesseiro ;
Fiz um lençol do pampeiro
E do mar um cobertor ! . . .

Manejando a lança eburnea
Parti espheras unibrosas !
A lua em ancias medrosas
Seu movimento parou ! . . .
Das patas do meu ginete
Fiz nascer a antiguidade !
Na garupa a liberdade
Tambem comigo marchou ! . . .

E dos espaços aos osculos
Fiz tremer o mundo todo ! . . .
O céo tornou-se de lêdo
Ao brilho de meu facão ! . . .
E pastoreando as estrellas
Dos minuanos nos collos,
Joguei o laço nos polos
E fiz do mundo chergão !

O Plebeu e a Fidalga

No pincaro da montanha
Despontava meigamente,
Lá das bandas do oriente,
A gentil e branda lua ;
E deitando seus olhares
Pelos picos dos rochedos
Parecia mil segredos
Contar da romagem sua.

Ao longe rugia a vaga,
Em convulsões, no aréal,
E um canto celestial
Rompeu da noite a tristeza :
Nos ares tambem os sylphos
Com hymnos harmoniosos
Festejavam graciosos
As pompas da natureza.

Um brando calor passava
Ao pé de airoso granito
Que parece no infinito
Perder o cimo escaldado ;
Ahi no fundo do valle
Se avistava uma casinha,
Como um ninho de andorinha,
Num plano mais elevado.

Nessa casinha, em que out'rora,
Habitara um pescador,
Então vivia um cantor
Em erma contemplação.
Diziam uns que « era monge »
Aquelle desconhecido,
Outros que « era um perdido »
Algum contrito—Don João—»

Rompeu da noite a tristeza
Um canto maravilhoso,
E o ente misterioso
Fitava a luz do luar...
Ela elle que cantava
Com tanta sublimidade
Que os genios da immensidão
Desciam para o saudar.

Amára como Roméo
Uma linda Julieta,
A mais bella violeta
Do jardim da formosura,
Mas quando as vozes do amor
Echoaram em seu peito
O antigo preconceito
Baqueou como a escriptura.

Travou-se enorme contendá
Entre o amor e a riqueza,
Entre a plebe e a nobreza...
Fidalgos, sem fidalguia,
Que não conhecem affectos,
Que trocam por um milhão
As rosas de um coração,
Que comprar não se podia.

Era um soldado valente
O homem desconhecido,
Que pelos grandes bando
As suas hostes deixou ! ..
Não tinha brasões, nem titulos,
Que fossem apresentados,
Nos salões atapetados
Destes que a sorte afagou....

Então, no valle encantado
Foi exilar-se do mundo,
Com esse sentir profundo
Que causa no peito a dor;

D'ahi, seus cantos se erguiam,
Sempre ternos e suaves
Como os concertos das aves,
Como os suspiros de amor.

• • •
Sentio-se um rumor, um dia,
Surdo, pausado, funerio,
E um grupo ao cemiterio
Sua marcha derigia.
Via-se em toda a gente,
Que percorria a cidade,
A dor, o pranto, a saudade,
O lucto, a melancolia.

Os orgãos das cathedraes
Entoavam tristes hymnos,
E a musica dos sinos
Doce harmonia formava.
Como uma deusa pagã
Que aos céus antigos subia
Toda de branco se via
A santa que a Deus buscava.

Era a linda Julieta,
A fidalga generosa,
Essencia de branca rosa,
Que ao empyreo subia ;
Era a aguia dos amores,
Que ia viver com Deus,
Nos vergeis puros dos céos
Onde tudo é poesia.

• • •
Onde existe o Christo a lei
Que nos marca a distinção,
Que limita uma affeção
Entre o nobre e o plebeu ?
Não pregaste de tua cruz,
Para toda humanidade
Amor e fraternidade ? . .
De que serve o livro teu ? . .

Por isso vingou-nos Roma
No tempo do velho imperio,
Desde Augusto até Tiberio,
De Claudio ao ultimo, enfim ! . .
Que fallem, do Coliseu,
Os grandes gladiadores
Despertando seus amores
Em thronos de alvo marfim...

E sabeis quaes essas damas
A quem o liberto ria ? . .
São de alta gerarchia ;
São fidalgas, são patricias !
Procurae-as nos theatros,
Nas thermas, nos lupanares,
E dos deuses nos altares
Em gosos, em mil caricias.

Cala teus sons minha lyra . . .
Vê como o vento suspira
Por entre as folhas da selva ;
Ouve o canto das sereias
Que vagam pelas areias,
Que brincam na verde relva ;

Mas não queiras, com exemplos,
Mostrar que até pelos templos
O pudor ia morrer ! . .
Não lembres os velhos dias
De gosos de mil orgias
De voluptuoso de prazer.

Silencio,

Alli passa o desgraçado . . .
Vacilla de instante a instante,
Vai ao repouso d'amente
Resar no seu ataúde.

Vai depôr uma grinalda
Das flores do sofrimento
— Um hymno de sentimento
Cantar em seu alaúde.

Depois... eil-o que volta
Da prece da madrugada ;
Tem a fronte macêrada
Como dos cyrios a côr ;
Tem os olhos delirantes,
Percorrem a immensidão ;
Mais tarde no pó do chão
Se extingue aquelle fulgôr.

Rio, 1875.

DANTAS BARRETO.

Na Roça

Adorem outros fidalgas,
Opulentas baronézas,
Ricas filhas de marquezas,
— Mocas ricas, de salão.
Meus gostos são mais humildes :
Adoro a linda roceira,
Borboletinha ligeira,
Rainha do meu sertão !

Adorem de ricas damas
Os cabellos ondeantes,
Alvos peitos palpitantes
Cangados pelo valsar :
Eu amo da sertaneja
Do peito o sagrado enleio
E o palpitar de seu seio
Cangado de tramar !

Adorem lá nos palacios
O resplendor dos brilhantes,
Luzeiros febricitantes
Que encobrem scenas de horror,

Que eu da pobre aldêa adoro
A rude choça de palha
Onde a virtude se espalha
Em cada scena de amor.

Adorem ricas cortinas
Pendentes d'altas janellas,
Onde s'escondem as bellas
Para os crimes combinar,
Que eu amo a rama florida
Da carcomida mangueira
Que ao desprender-se ligeira
Vai roseas faces beijar.

Gostem dos magos accordes
Dos afinados pianos.
Prefiram ffages ufanos
— Capas do vicio e do mal —
Que eu amo o mûrmur das aguas,
O canto dos passarinhos
Que revoam junto aos ninhos
No meio do laranjal.

Adorem templos pomposos
Que se elevam na cidade,
Onde não ha castidade
E só reina a hypocrisia !...
Que eu amo tudo que é livre :
No meio do povo rude,
Existe a crença, a virtude,
Santa fé, doce harmonia !

Quero o viver das florestas,
Sentir fremir a cascatá
E ouvir quando se desata,
O temporal no sertão !...
Por natureza ser livre,
Gosando d'alma a nobreza,
E no meio da pobreza
Ter alegre o coração.

